

## APRESENTAÇÃO

Camila Alves Jourdan (UFRJ/NEREIDA-UFF)

Bruna Moraes da Silva (UFRJ/LHIA)

Pedro Vieira da Silva Peixoto (UFRJ/LHIA)

Quando o tema para este dossiê foi proposto, o assunto parecia oportuno, uma vez que o afastamento do Ocidente Contemporâneo com a temática da morte e de seus ritos desenvolveu um verdadeiro tabu. Nos idos de setembro de 2019, momento em que nos articulamos para pensar um dossiê para que discentes pudessem falar sobre seus estudos sobre a morte nas sociedades antigas, sequer poderíamos prever a repercussão do tema em nossa própria realidade. Oriente e Ocidente uniram-se diante da morte causada por uma pandemia. Ecoa claramente a aclamada obra de Philippe Ariès nas reportagens (ainda que indiretamente): *O Homem diante da morte*. E, assim, em poucos meses e em nível global, a morte se escancarou em nosso cotidiano — dos jornais às frívolas conversas familiares. O interdito da morte foi transformado no tópico comum.

Neste mesmo momento em que somos atacados pela SARS-CoV-2 (oficialmente nomeado de COVID-19), o ensino superior público também o é. Os cortes de bolsas constantes no último ano dificultam e até mesmo impedem o desenvolvimento da ciência no Brasil, seja em que área científica for! Não somente as ditas Ciências da Saúde respondem neste cenário, mas também as Ciências Humanas, vide as possibilidades de diálogos entre o passado e o presente, mas também de busca de soluções mais efetivas a nível social. Se hoje nos assola o COVID-19, no passado a Atenas de Péricles ou o Egito de Ramsés II foram assolados por doenças graves e epidemias (e conseqüentemente por um alto índice de mortes) que representaram profundas rupturas e transformações sociais e econômicas. Embora frequentemente desvalorizados, os estudos da Antiguidade têm sido cruciais para lançar luz inclusive sobre os primeiros casos já registrados de muitas doenças que continuam a assolar a humanidade nos dias atuais, como a tuberculose, identificada em remanescentes humanos variados desde o Egito Antigo até o Neolítico na Suécia (3500-2300 a.C.). Assim, percebemos que as análises históricas são também de fundamental importância para compreendermos nossa própria tragédia.

Em meio a estes horrores, o dossiê “A última viagem humana: a morte e o morrer nas sociedades do Mundo Antigo” tornou-se ainda mais relevante. Se o tema da morte e suas múltiplas relações são uma constante nas pesquisas de caráter histórico, arqueológico e antropológico, o mesmo não pode ser dito para este tema em meio à sociedade. E aqui fica ainda mais evidente nossa contribuição com este dossiê, e uma das missões fundamentais da Universidade Pública: o compartilhamento

dos saberes sobre a morte e o morrer nos mundos antigos como contributo para que a sociedade compreenda seu próprio contexto vivenciado.

Na chamada afirmamos, em outras palavras, que a morte não é simplesmente um ato biológico, de uma finitude da materialidade humana. Atualmente podemos perceber exatamente essa experiência, que já ocorria na Antiguidade: as questões de mudanças comportamentais, resoluções políticas e econômicas diante da morte, as transformações necessárias dos ritos fúnebres. Por isso a morte não é somente uma questão biológica, mas social, política, econômica, cultural, religiosa. Quando lemos sobre a situação das cidades da Itália, que leva seus mortos em caminhões para serem cremados em cidades vizinhas e que realizam os enterramentos sem a presença dos parentes<sup>1</sup>, observamos tais implicações. Não distante das inúmeras questões com que os Antigos precisavam lidar também em contextos de doenças e guerras.

Os artigos presentes no dossiê “A última viagem humana: a morte e o morrer nas sociedades do Mundo Antigo” nos mostram as diferentes visões para a análise desta temática.

Partimos nessa viagem com o artigo do graduando Bruno dos Santos Mene-gatti, “A cultura visual do mundo dos mortos na cerâmica ática do século V a.C.”, que busca analisar o imaginário desenvolvido nas cenas dos lébitos de fundo branco na região da Ática a partir de uma perspectiva de diálogo entre a arqueologia e a cultura visual, no qual toma o personagem Caronte e suas representações imagéticas como ponto de interlocução entre imaginário funerário e signos do “mundo dos vivos”. Com outro graduando, Murilo Tavares Modesto, verificamos a análise de parte da *Siluae* de Estácio, evidenciando o imaginário sobre os espaços do “mundo dos mortos”. Em seu artigo “O trajeto no mundo dos mortos na *Siluae* 2.1 de Estácio”, além de realizar o mapeamento desta paisagem, investiga sobre a narrativa como um discurso de caráter consolatório, ou seja, o intento e as funções desta passagem. Com a mestrandia Luana de Almeida Telles, partimos para o Oriente Antigo. No artigo “Bardo Thödol — o livro dos mortos tibetano” ela nos propõe compreender o processo de transcendência do morto na crença do budismo tibetano. Sob a perspectiva de uma Antiguidade Tardia é possível compreender o longo legado do budismo, em particular da escola Mahayãna, para a criação de um conjunto de tradições sobre a morte vista como renascimento até o período de compilação da obra em questão.

A viagem retorna à Grécia Antiga com o artigo “Comida para os mortos: um ensaio sobre a comensalidade e sacrifício a partir do ritual de sacrifício aos mortos performado por Odisseu no Canto XI da *Odisséia* de Homero” da doutoranda Stéphanie Barros Madureira. Nele, a autora parte de questões alimentares como um diferenciador nas relações e nas práticas rituais entre os vivos e os mortos e, para tanto, explora o ritual feito por Odisseu aos mortos, evidenciando pontos de identidade/

1 <https://noticiasdonorte.publ.cv/100775/o-padre-o-filho-e-a-mae-a-irreparavel-solidao-dos-funerais-em-italia/>; <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/25/coronavirus-a-dor-das-familias-proibidas-de-enterrar-seus-mortos-na-italia.html>; <https://www.agazeta.com.br/editorial/caminhoes-com-corpos-sao-retrato-da-tragedia-do-coronavirus-0320>.

alteridade, comensalidade e sacrifício. Ainda na Hélade, o especialista<sup>2</sup> Paulo Henrique Pagliarelli dos Reis nos apresenta a tênue relação entre a morte e a imortalidade a partir da figura do personagem mítico Hércules. Seu artigo “Morrer e tornar-se imortal: Hércules e as representações iconográficas na cerâmica grega entre os séculos VI e IV a.C.” investiga as imagens nos vasos áticos que remetem a passagem da busca de Hércules por Cérbero (o cão do Hades) e sua apoteose no Olimpo, em uma perspectiva pan-helênica para compreender a morte e a imortalidade no contexto da religião grega. Por fim, terminamos a viagem na morte e no morrer com o artigo de Erimar Wanderson Da Cunha Cruz, que traz a relação entre passado e presente e suas leituras. Com o artigo “Filhas de Deméter, companheiras de Perséfone: uma análise comparativa da performance ritual feminina em lamentos gregos modernos”, o autor parte da Literatura Comparada para traçar uma análise sobre as lamentações funerárias gregas da Antiguidade e da Contemporaneidade, observando sobretudo as continuidades entre estes dois modelos.

Esta edição da revista também é composta por quatro artigos livres. O artigo “A fase de ‘pré-sacrifício’ e a figuração de animais: uma revisão bibliográfica sobre as cenas do ritual de sacrifício animal em vasos de cerâmica pintados da região da Ática — séc. V a.C.” do graduando Erik de Lima Correia, que nos apresenta uma discussão acerca da historiografia sobre o sacrifício animal presente em vasos de cerâmica, sobretudo a fase nomeada de “pré-sacrifício”. Para tanto, busca compreender os significados das representações de animais e os papéis desempenhados na imagem. Em nova relação traçada entre o passado e o presente, a graduanda Vanessa de Mendonça Rodrigues dos Santos, “Os clássicos e os gregos, os clássicos e nós: reflexões sobre a *Ilíada* de Homero e suas percepções ontem e hoje”, examina o papel da obra homérica *Ilíada* na formação da *paideia* helênica destacando os elementos de um discurso mobilizador de modelos e ideais na Antiguidade, que também foram utilizados para a ideia de um modelo de Ocidente. No artigo “As mães de Roma: os usos e a valorização da maternidade na reforma moral augustana”, da graduanda Luisa Amado Monteiro, nos é apresentado que a maternidade feminina implica relações de poder e gênero, e que no período do Principado de Augusto é possível verificar tais questões na arquitetura, na literatura e na legislação. O graduando Samir de Barros Rebêlo estuda os relevos do palácio assírio durante o Primeiro Milênio. Seu artigo “Imagens do Oriente Antigo: iconografia de guerra na sociedade mesopotâmica assíria dos séculos IX a.C. ao VII a.C.” busca, a partir da análise imagética, identificar nos relevos com a temática de guerra questões de versam sobre a legitimação do poder dos governantes do período trabalhado.

A resenha do doutorando Jorge Steimback Barbosa Junior sobre a recentíssima obra *Ressurreição: Recepções na Literatura e Cultura Material Antigas Cristãs* nos mostra a reunião de diversos artigos de pesquisadores, sob a organização de André Chevitarese, Juliana Cavalcanti e Tayná de Maria, membros do Laboratório de História das Experiências Religiosas e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Sob a perspectiva do resenhista, a temática, como bem observa, coaduna-se ao

<sup>2</sup> Era discente do curso de Especialização quando enviou o artigo.

tema do dossiê. Pois bem, a ressurreição mostra-se como uma vitória sobre a morte e o morrer.

Nesta edição também contamos com um estudo tradutório do doutorando Sérgio Luiz Gusmão Gimenes Romero sob o título “Exercício Tradutório de um Fragmento do *Íon*, de Eurípides”, que nos mostra as muitas possibilidades de compreender o grego antigo e efetivar sua tradução. Este trabalho, como bem indica, está inserido no projeto Trupersa - “Trupe de Tradução de Teatro Antigo”.

Ao pensarmos no título do dossiê — “A última viagem humana” — propomos que a morte não é um fim em si mesma, afinal toda viagem nos leva para algum lugar. O lugar dessa última viagem é tão variável no conjunto de crenças e imaginários que nos serve de objetos de estudos — e quiçá nossas experiências atuais também o serão para os pesquisadores que virão. Convidamos, assim, que o leitor embarque nesta viagem com a leitura dos artigos que compõem esta edição da *Revista Gaíia*.